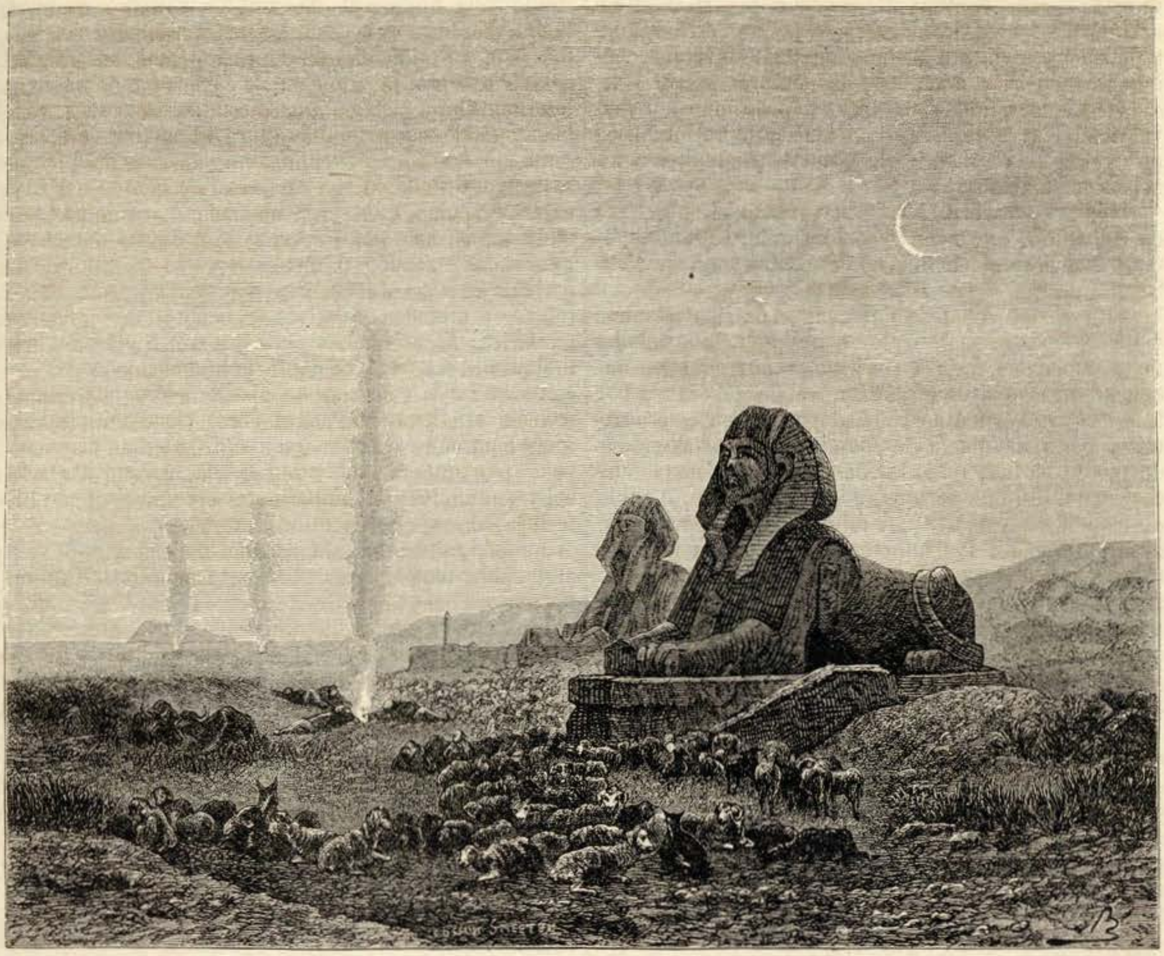


As esphinges de Séboua, paizagem da Nubia durante o crepusculo da tarde — Cópia de um quadro de Berchère

A NUBIA

Entre o Egypto, a Abyssinia e o mar Vermelho estende-se uma vasta região chamada Nubia, por onde corre o Nilo antes de entrar no Egypto. Tem de comprimento, de norte a sul, 1:750 kilometros, e uns 1:000 na sua maior largura, de léste para oéste.

Comprehende a Nubia os seguintes paizes: O reino de Sennaar é a mais importante das suas divisões. Com este nome fundaram os cheluks, no principio do seculo XVI, uma poderosa monarchia, que se achava em muita decadencia nos começos do seculo actual, quando os egypcios lhe invadiram o territorio, deixando-o só depois de o terem dividido e feito seu tributario. Presentemente, as fronteiras d'este reino apenas encerram a terça parte do seu antigo territorio. A sua capital é a cidade de Sennaar, que está mostrando em um montão de ruinas de edificios grandiosos, entre os quaes avulta o paço de seus antigos reis, a par de um labyrintho de ruas estreitas, tortuosas e immundas, guarnecidas de miseraveis cabanas cobertas de colmo e barro, como as cidades e nações descem do fastigio das grandezas e dos esplendores até se confundirem no pó da miseria, quando a sorte não as lança no sepulchro dos imperios. Sennaar apenas conta uns nove mil habitantes.

Halfay é um paiz cortado pelo Nilo, tambem tributario do Egypto, tendo por capital uma cidade do seu mesmo nome, em muita decadencia, e contendo tres a quatro mil almas.

O reino de Chendy, estendido ao longo do Nilo, ha tres seculos florescente e poderoso, é muito notavel na historia porque corresponde á parte mais importante do celebre estado theocratico de Meroe, o qual foi por muitos seculos um grande centro de civilisação, d'onde se irradiava a luz da sciencia e das artes, projectando o seu clarão no meio dos povos barbaros que o circundavam. Pretendem alguns escriptores que fôra aquelle estado o berço das instituições religiosas e politicas dos egypcios. Chendy, capital d'este estado, era, até ao tempo da invasão de Ismail-bachá (1822), o emporio commercial da Nubia, e o seu principal mercado de escravos. Agora, muito reduzida e empobrecida, não encerra mais de sete mil moradores.

Nas suas cercanias estão duas humildes aldeias: Naga, que por sua pequenez e pobreza singularmente contrasta com as ruinas de sete templos que ainda ahi alardeiam restos soberbos da sua grandiosidade e opulencia; e Assur, ou Hachur, que, meio escondida entre as fragas de uma collina, parece envergonhar-se da sua humildade ante as proximas ruinas da antiquissima cidade de Meroe, tão celebrada pelos seus monumentos, pela prosperidade do seu commercio e pelo oraculo de Jupiter-Ammon, conservando ainda algumas pyramides como padrões d'esse passado glorioso.

O paiz Damer, banhado pelos rios Nilo e Atharah, é um estado pouco extenso, outr'ora governado por sacerdotes mahometanos, sob a presidencia de um pontifice da mesma seita, com o titulo de *el-Fakyh-el-*

Kebir. Tem por capital a cidade de Damer, que não possue pergaminhos de nobreza, mas que, em compensação dos brazões que lhe faltam, apresenta quinhentas casas, guarnecendo ruas direitas, alinhadas e arborisadas; uma bella mesquita; commercio muito animado; agricultura bastantemente desenvolvida; algumas industrias manufactoras em progressiva actividade; e, por timbre d'este escudo de mais apreciavel fidalguia, uma eschola, a mais celebre da Africa oriental, onde recebem variada instrucção muitos mancebos musulmanos.

O paiz de Barbar, ou Berber, é tão circunscripto em territorio, que apenas contém quatro grandes aldeias, ao presente habitadas por arabes da tribu Meyrefah.

O Chaykeïah, ou paiz dos chaykeïahs, povo rude e bellicoso, porém mais dado ao roubo que ao trabalho licito e honesto, estava constituido em republica antes da invasão acima referida, sendo governado por tres *meliks*. Korti é a principal povoação d'este territorio. Perto da aldeia de Meraouy existem as ruinas do monte Barbal, reliquias da cidade de Napata, que desfructou durante seculos, depois de Meroe, o titulo de capital da Nubia, e que foi destruida por Petronio, general romano. Da sumptuosidade dos seus monumentos ainda estão dando testimunho varias pyramides; os restos de um templo, que é reputado por um dos mais bellos padrões da antiguidade que a Ethiopia inferior offerece á admiração dos viajantes; e o *tryphonium*, que é a mais esplendida reliquia que se observa entre as magnificas ruinas de Napata.

O Dongolah era o estado mais poderoso da Nubia na edade média. O seu territorio tem de comprimento, de léste a oéste, 1:000 kilometros, e de largura, de norte a sul, mais de 800. As diversas invasões dos chaykeïahs, dos mamelukos e dos egypcios, que disputaram uns aos outros a posse d'elle, despovoaram-n'o, e fizeram-n'o decadente e pobre, apesar da fertilidade do seu solo. Marakah, ou Novo Dongolah, é a sua principal cidade, de fundação moderna, mas que não encerra mais de quatro mil habitantes. Dongolah a Velha, hoje quasi deserta, era a capital nos tempos da sua prosperidade. Os fustes e capiteis de granito, que jazem por terra em grande numero, espalhados por entre a mesquinha casaria, dizem ao viandante que alli floresceu em eras mui remotas uma cidade opulenta e civilisada.

O paiz de Mahas é mui limitado. Corre ao longo do Nilo, e a sua maior povoação é a aldeia de Tynareh. Comprehende a ilha de Says, aonde se formou uma pequena republica aristocratica, a qual, por se recusar a pagar tributo ao invasor triumphante, foi anniquilada pelo exercito do vice-rei do Egypto no anno de 1823.

O paiz dos Barabras, mais conhecido pela denominação de Baixa-Nubia, divide-se em duas partes entre a primeira e segunda cataractas do Nilo. Derr, capital da Baixa-Nubia, possue tres mil almas. Nas suas visinhanças vêem-se ruinas de grandiosos edificios, e um templo egypcio aberto na rocha, e cuja construcção é attribuida por Champollion a Sesostris. Pelo numero de habitantes da capital conhecer-se-ha que as outras povoações d'esta região carecem de importancia. Todavia, algumas merecem menção por causa dos edificios magnificos que jazem derrocados nas suas cercanias.

Uady-Halfa é uma pobre aldeia, situada proximo de uma cachoeira ou cataracta que ahi fórma o Nilo, precipitando-se por cima de altas rochas. Junto d'esta aldeia estão tres famosos templos arruinados, em um dos quaes o distincto viajante e archeologo Champollion encontrou columnas que elle reputa como origem das ordens gregas. Essambol é outra aldeia miseravel, perto da qual se admiram as mais assombrosas excavações e magnificos templos de toda a Nubia, visitados e descriptos por muitos viajantes modernos. São dois os templos: um, mais pequeno, chamado Athor, e construido pela mulher de Sesostris o Grande; o outro, fundação d'este soberano, é uma verdadeira maravilha pela vastidão da sua fabrica e pela ousadia do commettimento, pois que é todo cavado em rocha viva. Adornam-lhe a fachada quatro estatuas colossaes, sentadas, tendo cada uma de altura 14 metros, e representando *Rhamses o Grande*, que é o mesmo que Sesostris o Grande, e sua esposa. Transpondo o portal entra-se n'uma sala, cuja abobada é sustentada por oito pilares, aos quaes se encostam outras tantas estatuas colossaes de 6 metros e meio de altura. As paredes são decoradas com hyeroglificos, em baixo relevo, e pintados, relativos ás conquistas de Pharaó na Africa. As côres parecem conservar a viveza e brilho primitivos, não obstante a immensidade dos seculos que nos separam da epocha em que o pincel egypcio alli depositou essas côres. Este templo é o mais bem conservado monumento da antiga arte egypcia, e o que melhor a representa, porque n'elle se acham reunidos mui importantes specimens de architectura, de esculptura e de pintura.

Junto da aldeia de Amada está, meio soterrado pela areia, um templo, fundado por Thoutbmoses III ou Mœris.

Proximo da aldeia de Ghirsché existe um templo *hemi-speos*, isto é, edificio meio construido de cantaria, meio aberto na rocha. É obra do tempo de Sesostris o Grande.

Tambem são notaveis as aldeias de Dandur e de Kalabschi por dois monumentos da arte romana, que se erguem a par das suas mesquinhas habitações. O que fica visinho da primeira é um templo não acabado, construido no tempo do imperador Augusto. O que está junto da segunda é outro templo, de fabrica maior e mais sumptuosa, o qual teve principio no reinado do mesmo imperador, continuando-se nos dois seguintes reinados, sem que chegasse á conclusão, até que a final veiu a ser aproveitado e transformado em egreja christã.

Comprehende mais a Nubia, na sua parte oriental, os paizes situados entre os rios Atharah e Nilo, e o mar Vermelho. Este vasto territorio compõe-se, principalmente, de extensos desertos para o lado do Nilo, e de montanhas penhascosas e escarpadas para o lado do mar Vermelho. Esta parte oriental é habitada por muitas tribus nomadas, pertencentes á grande familia troglodítica (habitantes de cavernas) e á numerosissima nação arabe. Em razão da vida errante d'essas tribus não ha no interior do paiz povoações fixas. Algumas, porém, se encontram nas margens do rio Atharah, e no litoral do mar Vermelho, dadas á agricultura e ao commercio. Olba e Suakim são as principaes da beira-mar. Esta ultima tem bom porto, muito frequentado, e encerra umas oito mil almas.

A parte occidental da Nubia, mais pequena que a oriental, fica a oéste do Nilo. Comprehende o deserto de Bahiuda, extensa solidão de absoluta esterilidade, e o deserto que se estende junto á margem esquerda do Nilo, no meio do qual se acha o oásis de Selimeh, celebrado pelas formosas palmeiras que ahi baloiçam nos ares suas graciosas copas carregadas de tamaras; e tambem afamado pelas camadas de sal gemma, que alli se encontram, e que são exploradas annualmente pelas tribus nomadas do paiz visinho d'este deserto.

A Nubia, em geral, é uma região formada de desertos de areia, de planicies de terrenos de alluvião, de cordilheiras de serras mais ou menos elevadas, com seus valles de per meio, todos ferteis, e alguns de muita frescura e amenidade pelos ribeiros que os cortam e regam, e pelos palmares e outros arvoredos que os assombram.

As planicies que tem escapado á invasão assoladora das areias do deserto vestem-se espontaneamente de tamargueiras, gracioso arbusto de delicada folhagem, e de uma especie de palmeira, a que os arabes chamam *doum*, de porte elegante, cuja frondosa copa parece vergar com o peso de grossos cachos de vagens vermelhas. E nos bons terrenos das margens do Nilo crescem vigorosamente o linho canhamo, a canna de assucar, o sorgho, variedade de gramineas e outras plantas uteis. O nateiro, depositado nos campos marginaes pelas inundações periodicas do Nilo, faz com que a cultura dos cereaes seja n'elles tão facil quão productiva. O lavrador, para ver cheios os seus celleiros, não precisa cançar o gado em revolver a terra, nem regal-a com o suor do seu rosto. Basta, passada a cheia, ir fazendo no solo, de espaço a espaço, uns buracos pouco profundos, e lançar n'elles alguns grãos, para os ver dentro em pouco transformados em uma viçosissima seara, não sómente rica d'aquellas esperanças que em o nosso clima a falta de chuvas em um momento dissipa e anniquila, mas tambem sempre opulenta e generosa em realisar o que promettêra.

Com taes auxilios da natureza não se póde esperar que os habitantes da Nubia sejam movidos pelo amor do trabalho. Assim é que, em regra geral, são mais indolentes que laboriosos. Mas não se julgue que lhes falta actividade. Quando o interesse ou as paixões os impellem para a guerra ou para o roubo, nenhum outro povo os excede na energia da alma, no vigor do braço, na rapidez dos movimentos e na velocidade da carreira, quer caminhem a pé, quer a cavallo.

São robustos, bem proporcionados, de tez denegrida, cabellos pretos e corredios. Os que se empregam na lavoira, não obstante a rudeza dos seus costumes, a sua crassa ignorancia e a ferocidade do seu aspecto, são dotados de boa indole, e, póde-se dizer, inoffensivos, excepto se de qualquer modo os maltratam, porque n'este caso não ha consideração que lhes suspenda o braço e estorve a vingança. Os que vagueiam errantes, reunidos em grandes tribus nomadas, accumulam a occupação de pastores com a infame profissão de salteadores. Escusado seria dizer que estes são tão ferozes no aspecto quão perversos de indole.

A temperatura do clima, bastantemente quente, tornando desnecessario para a commodidade o vestuario, faz com que o dispensem os povos mais selvagens da Nubia. Assim, tem por unico vestido uma simples tanga, e por adorno os instrumentos agrarios ou as suas armas. Estas, porém, que consistem em um punhal, preso ao braço por uma correia, em um arco de pau ferro, algumas frechas e um escudo de pelle de crocodilo, são n'elles distinctivo de independencia e liberdade. Os lavradores, sejam escravos ou livres, não trazem armas. As mulheres usam sómente de tanga, se são inteiramente desprovidas dos bens da fortuna. As outras trajam umas roupas compridas, de extrema simplicidade nas de mediana riqueza, e de feitio exquisito com extravagantes adornos nas que se consideram opulentas. Alli mede-se a riqueza, principalmente, pela extensão dos campos cultivados, ou pelo numeroso dos rebanhos. As mulheres que mais procuram agradar pintam os beiços, e fazem do cabello muitas e delgadas tranças, que dispõem de diverso modo. Tambem occultam o rosto, encobrindo parte d'elle com uma toalha ou véo, mas não tanto como as turcas e egypcias.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 25)

Andava toda a Europa accesa em guerras dynasticas e religiosas, quando Portugal recobrou a sua independencia em 1640.

Essa horrenda lucta de trinta annos, que o Schiller compendiou como historiador e poz em scena como poeta, foi atalhada pelos tratados de Westphalia, assignados em Munster, pelos quaes a casa de Austria perdeu a sua funesta preponderancia, que passou então para a estirpe dos Bourbons, a cujo serviço estavam as espadas de Turenne e de Condé, que foram as pontas do dilemma a que se reduziu toda a argumentação do memoravel protocolo de 1648.

Foram convocados para esta dieta universal os representantes de todos os soberanos da Europa; e assombra-nos a porfia de alvitres e instancias que empregaram os conselheiros del-rei D. João IV para que Portugal fosse representado no congresso de Munster, e ahi reconhecida a nossa independencia. Os archivos de Lisboa, Paris e Madrid, encerram grande parte da correspondencia diplomatica, das memorias e propostas que houve nos cinco annos (1643-48) que duraram as conferencias. E esses documentos são outros tantos titulos da capacidade dos nossos plenipotenciarios [1]. Entre elles estava o Cicero dos jesuitas portuguezes, o padre Antonio Vieira, cuja *labia* devia refertar a *raposia* do cardeal Mazarino, que foi o arbitro d'esse famoso congreso.

Mas d'esta vez a purpura venceu a roupeta. Portugal não conseguiu ser representado n'aquelle congresso, ficando por isso excluido da paz geral, e forçado a continuar a guerra com a Hespanha na Europa, e com a Hollanda na America.

Desenganados de que não podiamos alcançar allianças, nem ainda soccorros, sem custosas permutações, e essas seriam mais decorosas para o reino a titulo de apanagio dos filhos do monarcha, proseguiu-se nas negociações matrimoniaes, apesar da má ventura com que se haviam começado.

O primeiro marido que se destinou para a infanta D. Catharina (tendo ella apenas oito annos) foi D. João d'Austria, filho natural de Filippe IV de Hespanha.

Por um documento achado pelo visconde de Santarem nos archivos do ministerio dos negocios estrangeiros de França, sabe-se que este casamento fôra proposto pela corte de Madrid, para obter uma trégoa de vinte annos, ou, quando não, passar el-rei D. João IV ao Brasil como soberano d'aquelle estado, ficando os dois consortes, D. Catharina e D. João d'Austria, reinando em Portugal.

O documento a que nos referimos é um officio do ministro de França em Lisboa para o cardeal Mazarino, relatando-lhe uma conferencia que tivera com o secretario de estado Pedro Vieira da Silva, em que este lhe revelára a proposta de Castella; accrescentando que havia outras proposições de que era motor o padre Vieira.

Como este officio vem na obra do visconde de Santarem por extracto, e muito imperfeito, houve quem inferisse que o casamento com D. João d'Austria fôra tambem suggerido pelo padre Vieira.

Não nos parece bem fundada esta illação, porque o atilado jesuita só visava ás allianças com successores de soberania, e D. João d'Austria era bastardo, não podia succeder a Filippe, que tinha filhos legitimos.

Egual pecha de bastardia foi posta pelos nossos ministros quando depois se intentou o casamento d'esta mesma infanta com o duque de Beaufort.

[1] «É coisa muito digna de reparo e sentimento que se não veja em Lisboa um embaixador de um só principe estrangeiro da Europa, quando tem saído d'esta corte *onze* depois da acclamação, e actualmente estão *sete* em diversas partes.»—Vieira.

E os historiadores estrangeiros a dizerem que fomos muito auxiliados contra a Hespanha, e nomeadamente o actual ministro da instrucção publica, o sr. Duruy, na sua *Histoire des temps modernes*, affirmando que vieram a Portugal 4:000 homens com o marechal de Schomberg; quando apenas foram 600, assoldados pelo visconde de Turenne, e não por conta do governo francez, que chegou a expedir ordem para ser preso o marechal. Vid. a *Vida do conde de Schomberg*, escripta em allemão por F. A. Hagner. 1789. E as *Campagnes du maréchal de Schomberg*, pelo general Dumouriez. 1808.

E ainda mais. Já desterrado da corte e accusado pela inquisição, o padre Antonio Vieira, alegrando-se de estar desfeito o casamento del-rei D. Affonso vi, ajustado com a filha do duque de Elbeuf, por comprazer ao marechal visconde de Turenne, que nos protegia em França, escrevia a D. Rodrigo de Menezes [1]: «A nova do descasamento tem sido mais acceita de muitos do que foi o casamento; e eu entro n'este numero, porque havendo o nosso rei de casar com filha de *vassallo*, não faltaria uma *lavradora* em Portugal, quando o juiz do Povo não tivesse filha.»

Hoje, esta linguagem seria attribuida, não já a um democrata, mas a um demagogo.

Como quer que seja, pois não temos mais noticias da negociação d'este segundo casamento da infanta, o certo é que foi interrompida pela França. O conde da Ericeira, que militou contra D. João d'Austria, elogia-o no *Portugal restaurado*, concluindo por dizer que bem merecia o titulo de grande capitão. Vemos, porém, que os historiadores modernos não são do mesmo conceito, e até um da propria Hespanha o mede por differente rasoira, dizendo: *D. Juan de Austria fue por cierto un militar de buenas prendas, si bien desgraciado en todas sus combinaciones.*

O segundo noivo que se destinou para a nossa princeza foi o duque de Beaufort. Quando se negociou o casamento, que já referimos, do principe D. Theodosio com a duqueza de Montpensier, sobrinha de Luiz xiii, a *mademoiselle* por antonomasia (auctora das *Memorias* bem conhecidas), offereceu-se juntamente, para compensação d'este enlace, que nos era então mui vantajoso, a mão de D. Catharina ao duque de Beaufort, neto de Henrique iv por bastardia.

Este valente general era grande inimigo do cardeal Mazarino, e inquietou o governo d'este ministro por muitos annos. Foi o caudilho da facção dos *Importants*, e, com o grande Condé, capitaneou o partido da *Fronde*, contra o valimento do cardeal; mas, terminada a guerra, foi-lhe conferido o posto de almirante, e n'essa qualidade veiu commandando a esquadra franceza que acompanhou a Lisboa a noiva del-rei D. Affonso vi, a princeza de Aumale, que era sobrinha do almirante, filha do duque de Nemours, que Beaufort matára em duello. Dolorosa coincidencia, ser a nova rainha escoltada pelo assassino de seu pae! se é que não foi prenuncio das angustias que padeceu, e com ella a tranquillidade e decoro da nação portugueza, no escandaloso reinado do successor de D. João iv.

O duque de Beaufort veiu a morrer de ferimentos no assedio da ilha de Candia contra os turcos, sendo generalissimo das tropas francezas. Outros dizem que desappareceu depois da batalha, e por isso é este um dos personagens que anda na lista dos nomes dados ao *homem da mascara de ferro*, preso na Bastilha, e cujo incognito está ainda impenetravel.

Tambem estes desposorios se não effectuaram, porque o pae de *mademoiselle* não acceitou o casamento do principe D. Theodosio, objectando que Portugal estava assoberbado de guerra, e que demais sua filha já não era de edade (tinha vinte e quatro annos) para ficar sendo princeza. Accrescentando o nosso negociador, o consummado diplomata Francisco de Sousa Coutinho, que o duque destinava a filha para Carlos ii (então emigrado em Paris), «porque em França se entende que vale mais um rei de Inglaterra sem terra, que um principe de Portugal em posse de tantos reinos [2].» Allegou-se tambem contra o casamento da infanta com o duque de Beaufort, o ser bastardo, pelo que nunca daria o titulo de magestade a sua mulher.

(Continúa) A. da Silva Tullio.

[1] *Cartas*, tomo i, pag. 23.
[2] Correspondencia diplomatica. Manuscripto da academia real das sciencias de Lisboa.

PISCICULTURA

I

Nem todos os animaes tem o mesmo regimen. Nutrem-se uns de grãos, e d'ahi lhes vem o epitheto de *granivoros;* nutrem-se outros de hervas, e por isso os denominámos *herbivoros.* A alguns apraz sómente a carne: são os *carnivoros;* a outros é alimento exclusivo o peixe: a estes denominam os naturalistas *ichtyophagos*, que vale tanto como dizer comedores de peixe.

O homem, ao qual o Creador concedeu, além da intelligencia e do dom da palavra, muitos privilegios, para o differençar de todos os outros entes organisados, sobreexcede-os tambem na faculdade que tem de alimentar-se com substancias tiradas de todos os tres reinos da natureza.

Nem cause surpreza dizermos que extrahe alimentos do reino mineral, não obstante affirmarem muitos sabios ser condição indispensavel das substancias alimenticias o terem pertencido a entes organisados.

A analyse do sangue, que é d'onde todos os orgãos tiram os seus elementos constituintes, e de todas as outras partes solidas e liquidas da economia revela a existencia no organismo de muitas substancias anorganicas, ou mineraes, figurando em primeiro logar o carbonato de cal, de que são formados, em grande parte, os ossos; o sal commum, ou da cozinha, que em quasi todos os liquidos do corpo, se não em todos, se acha; a silica; o ferro, cuja falta ou consideravel diminuição origina doenças gravissimas; o cobre e o phosphoro, que primeiro se extrahiu da urina, em que abunda, e que existe na materia de que são formados o cerebro e os nervos.

Levam á economia estas e muitas outras substancias inorganicas, simples e compostas, as materias animaes e vegetaes, que são os alimentos por excellencia.

Do facto do homem poder empregar como meios de alimentação muitas e mui variadas substancias proveiu chamarem-lhe os sabios *omnivoro*, querendo com este termo scientifico indicar que é susceptivel de comer de tudo.

E não se enganaram, nem nos quizeram enganar. Se não, vejamos. Dos vegetaes, que constituiram provavelmente todas as suas iguarias na infancia da humanidade, ainda hoje aproveita raizes, tuberculos, talos, folhas, flores, fructos, sementes, e um numero infinito de materias extrahidas de todos estes orgãos. Digam-n'o as cenouras e nabos; as batatas; as hortaliças; os formosos e odoriferos dons de Pomona, com que no estio e outono vergam as arvores e se alegram as mesas; as pevides; as amendoas; o assucar; os oleos; os succos, etc.

Dos animaes quasi todos os orgãos prestam agradavel e substancial sustento. Sirva de exemplo o boi, companheiro e amigo do homem, que o serve e enriquece vivo, e lhe abastece a mesa depois de morto.

Tem a sciencia demonstrado que a força ou poder nutritivo dos alimentos depende da existencia n'elles de um principio chimico, a que chamam azote.

Quanto maior for a quantidade d'este elemento em uma substancia alimentar, quanto mais propria ella será para reconstruir os orgãos, que a cada momento se estão como que desfazendo.

O azote predomina nas carnes e productos animaes. É por isso que o povo, sabio na sua desculpavel ignorancia, tantas vezes repete aquelle prudente aphorismo: «Carne, carne cria.» Por abundarem em compostos azotados é que tanto serviço prestam como alimento o leite, os ovos não coagulados pela fritura ou cozedura, e a carne crua ou quasi crua.

Nas partes dos vegetaes que se empregam como

alimento, sobreexcede aos outros componentes o carbone, com quanto muitos tenham tambem azote.

Serve o carbone, não para reconstruir os orgãos, mas para sustentar a respiração, que a sciencia moderna compara á combustão do azeite nos candieiros ou das materias de que são feitas as velas.

É por isso que as gorduras animaes (n'estas tambem predomina o carbone), as feculas, as gommas e o assucar são considerados alimentos combustiveis ou respiratorios.

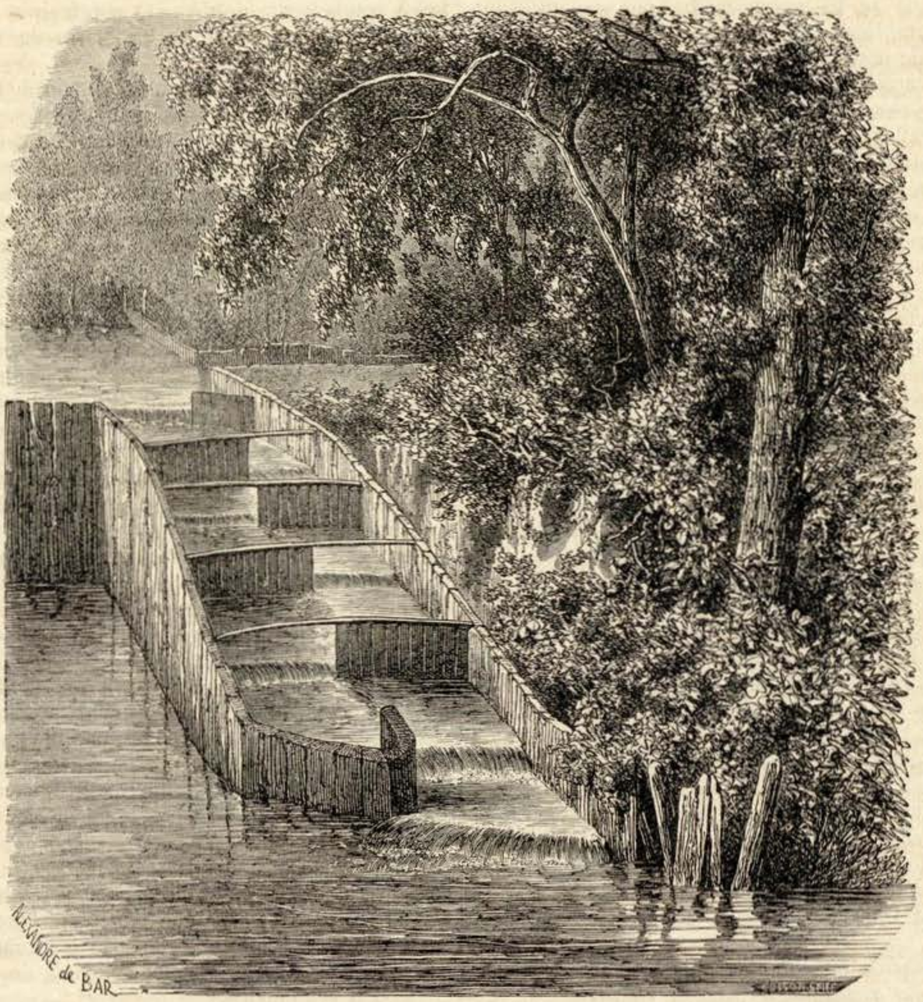
Para que a vida se mantenha em boas condições é indispensavel que os alimentos sejam simultaneamente azotados e carbonatados.

Antes da sciencia descobrir esta verdade, parece que a adivinhára o homem.

Da imperiosa necessidade de matar a fome nasceram muitas industrias e artes, sendo uma d'estas a arte culinaria.

Em quanto a familia humana viveu na simplicidade primitiva, simples e frugal foi tambem a mesa.

Se os fructos, rindo nas flores, como elegantemente disse o sr. Castilho, perfumando os ares e alastrando



Viveiro de salmões

amadurecidos o solo, enamoravam os olhos, seduziam o olfacto e desafiavam o paladar, dizendo: comei-me; razoavel é crer que as tetasinhas das cabras e ovelhas e os uberes das vaccas, fartos de delicioso leite, ávidamente bebido pelos tenros filhinhos, suscitassem ao homem a idéa de saborear tambem aquelle nectar, de que, no porvir, a arte, esclarecida pela sciencia, tiraria a nata suave e divinal, a preciosa manteiga, o saborosissimo queijo, e o salutar soro, em que abunda o assucar.

Os ovos das aves, candidos uns, outros de côres variegadas, sempre bellos e agradaveis á vista, encontrados no fofo e gracioso ninho, escondido entre a rama das arvores, ou na gruta mais accessivel á curiosidade dos mocinhos travêssos, provocariam o appetite e subministrariam o segundo alimento animal, não liquido como o leite, mas de consistencia mais chegada á das carnes.

Estas saboreal-as-hiam, no principio, os primitivos caçadores cruas, sangrentas e palpitantes; depois assadas na fogueira.

Sería livro curiosissimo o em que se achassem registadas todas as modificações por que a alimentação humana tem passado desde a mais remota antiguidade até á epocha actual, em que uma grande parte da gente vive para comer, e não se contenta com comer para viver.

Do pouco que a tal respeito ha escripto, quer em livros especialmente consagrados ao assumpto, quer em obras em que elle é incidentemente tratado, facil é inferir quanto, em todos os tempos e em todos os paizes, o estomago tem influido nos destinos da humanidade, umas vezes para bem, outras para mal.

Deixaremos este ponto a pennas mais bem aparadas, e limitar-nos-hemos a dizer duas palavras ácerca de uma arte utilissima, que na gulodice de alguns, diga-se a verdade, teve origem, mas que hoje serve a muitos, ainda dos menos mimosos da boa fortuna;

que representa um grande capital de sciencia, de perseverança e de dinheiro; que presta actualmente valiosos serviços á communidade, e que tende a nada menos, considerada nas suas mais uteis applicações, que a attenuar muito e muito as horrorosas crises que as nações por varias vezes tem atravessado, e por que não estão isentas de passar, quando a terra se negue a produzir fructos, ou quando uma ou mais epizootias dizimem as especies animaes que constituem a base da alimentação dos povos.

Referimo-nos á piscicultura, ou arte de criar peixes, a qual desde muito tempo tem attrahido a attenção de varios homens notaveis, e que n'estes ultimos annos por tal modo se ha aperfeiçoado, que constitue um ramo importantissimo da economia rural.

E antes de proseguirmos, será bom que previnamos uma observação estulta, que mais de uma vez temos ouvido a pessoas levianas. Não se creia que os esforços empregados em aclimar especies animaes e vegetaes, comestiveis, e principalmente peixes, ou estes se recommendem pela delicadeza do sabor ou por qualquer outra qualidade, sejam para se contrariarem ou para se verem com indifferença e desdem. Por mais fertil que seja o solo de um paiz, por mais povoados que sejam de caça os seus bosques e matagaes, por mais que em seus mares e rios abundem peixes e mariscos, nunca terá de sobra para satisfazer as necessidades da população, que, á medida que se vae multiplicando e civilisando, vae tendo necessidades mais variadas e imperiosas a satisfazer.

Não ha muito, nos disse um homem, que suppunhamos melhor pensador, que não havia necessidade de cuidar da piscicultura no nosso paiz, porque, além de termos uma extensa costa maritima e muitos rios, possuiamos mais peixe do que necessitavamos.

Isto não se discute, porque é um delirio.

A diminuição do peixe em Portugal é sensivel ha tempos a esta parte, e parece continuar.

Especies havia outr'ora abundantissimas, que quasi não apparecem nos mercados, e que, quando a elles vem, se vendem por excessivo preço. Além de outras, citaremos a popular e saborosissima sardinha, a sadia e prestimosa pescada, o suavissimo savel e o linguado, digno de mesas reaes.

Quaes as causas que tem concorrido para este grande mal, que não só prejudica os consumidores, privando-os de um alimento barato, sadio e saboroso, mas que reduz á extrema penuria povoações inteiras do litoral, cuja unica industria é a pesca, não é facil dizel-o.

Uma e importantissima é o uso, ou antes o abuso, das chamadas redes de arrastar, e outras artes, que colhem a milhares os peixinhos inaproveitaveis, e despovoam as aguas.

Em França tambem se experimentou egual pobreza de peixe. Mr. Milne Edwards, naturalista distincto e conhecido em toda a Europa pelos seus escriptos, attribuiu-a em grande parte aos progressos da industria.

Segundo o respeitavel zoologista, as numerosas tapagens construidas ao longo dos pequenos affluentes oppõem-se ás migrações dos peixes, cujas ovas devem ser depositadas junto das nascentes. Não podendo os rios mais pequenos fornecer aos maiores uma quantidade tão consideravel de peixinhos, e continuando as devastações da pesca, as especies diminuem e desapparecem.

O movimento communicado ás aguas pelas rodas e pás das embarcações movidas por vapor concorre tambem muito para a diminuição do peixe.

De razão é, pois, que se vulgarise o conhecimento da piscicultura, que tem por fim remediar estes males, que não são pequenos.

(Continúa) SOUSA TELLES.

A FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE

(Vid. pag. 44)

II

Dissemos que Guilherme Stephens encontrára já uma fabrica de vidros na Marinha Grande quando alli foi lançar os fundamentos de outra fabrica, em maior escala, com o auxilio pecuniario que lhe dera o marquez de Pombal, além dos immensos e importantes privilegios de que o cercára. Ora, pelas informações que temos podido alcançar a este respeito, não foi a pequena fabrica estabelecida desde todo o principio na Marinha Grande, mas para alli se transferiu da margem esquerda do Tejo.

Não podendo continuar a laboração de uma fabrica de vidros, que nos fins do seculo XVII se fundára na antiga villa de Coina (*Equa bona* dos romanos), por falta de lenhas, pois que os carretos d'este combustivel, seu elevado preço e outras circunstancias tornavam difficil e muito dispendioso o abastecimento da mesma fabrica, lembraram-se os seus proprietarios de a transferir para a Marinha Grande, por ficarem proximos os pinhaes reaes, e, por consequencia, breve e facil o córte das lenhas para acudir ás necessidades do fabrico.

Não será esta a verdade; mas é, sem dúvida, a tradição, confirmada pelos restos de alguns fornos e pelos vestigios da fabricação do vidro, que todos podem ver em Coina, na propriedade dos herdeiros da sr.ª J. Pouchet, onde depois se estabeleceu uma fabrica de zuartes, que se exportam em grande quantidade para a Africa.

Para conhecer a excentricidade dos Stephens, poremos aqui duas anecdotas que ha pouco tempo nos referiram. São muito curiosas. O caracter singular do inglez em todas as partes e em todos os lances se revela.

Guilherme Stephens saíra um dia de Lisboa com direcção á Marinha Grande, como era seu costume, para ver com os proprios olhos o andamento das coisas na fabrica, embora tivesse inteira confiança na pessoa que então a administrava. Chegando a Rio Maior, descançou em uma estalagem que alli existia ainda não ha muitos annos.

Estava dentro a estalajadeira, a qual, ou porque conhecesse o hospede, ou porque este lh'o pedisse, trouxe-lhe para ao pé um copo grande com vinho. O copo não tinha de notavel senão a fórma colossal e a grossura do vidro. Stephens, depois de observal-o, chamou a estalajadeira.

— Onde comprou este copo, boa mulher?

— Veiu da Marinha Grande e não me custou muito dinheiro, meu senhor. É de tão boa qualidade que já tem caído no chão algumas vezes, e ainda se não quebrou.

— Devéras!

— É tão certo que, se não tivesse agora medo de que não me saisse o dito verdadeiro, pediria ao senhor que o deitasse ao chão.

— Se o quebrar, hei de pagar-lh'o.

Guilherme Stephens atirou o copo ao solo, e a mulher teve o prazer de ver que ficou inteiro.

— É de boa qualidade, não ha dúvida, resmungou Stephens, e accrescentou alto:

— Compro este copo...

— O senhor...

— Sim... Quanto quer por elle?

— Já tem uso e faz-me falta.

— Não importa... Guarde isso.

E Guilherme Stephens deu uma moeda de oiro á estalajadeira, que a guardou com a alegria de quem ha muito não vê nas mãos tão avultada quantia.

— Visto que já o copo é meu, dê-me agora um martello, boa mulher.

A estalajadeira correu a buscar o instrumento pedido, e Stephens com duas martelladas fez o copo em mil pedacinhos. A mulher estava attonita.

— Então o senhor pagou-me o copo tão generosamente para o quebrar em seguida?

— Não se admire. Vossê ha de vir um dia a saber para que isto se fez.

Guilherme Stephens dirigiu-se á Marinha Grande, e logo que chegou alli mandou chamar o administrador.

— Disseram-me, e eu vi, que se fazem aqui, para as tabernas e estalagens, uns copos de fórmas grandes e vidro muito grosso.

— É verdade, e por tal signal que tem extraordinario consumo, pois os almocreves estão sempre ahi a gabal-os pela duração... Affirmam elles que se não quebram.

— Fique sabendo, sr. administrador, que isso é contrario aos interesses da fabrica.

— Pois eu julgo que similhante fama deve acreditar a fabrica.

— Assim deve ser. Mas de hoje por diante não se hão de fazer mais copos, nem vidros, que se não quebrem.

Effectivamente, d'alli por diante nunca mais se fabricaram na Marinha Grande copos como o que Stephens sacrificára em Rio Maior [1].

A segunda anecdota é mais simples, mas tambem não deixa de ser interessante. O fundador da real fabrica de vidros falleceu em Lisboa, ao que parece, no principio do segundo decennio do presente seculo. Seu irmão e herdeiro, João Diogo, como respeitosa homenagem á memoria do finado, ordenou que ninguem mais entrasse no escriptorio d'elle na rua das Flores, que ficasse fechado como se encontrára na occasião em que o dito seu irmão o deixára para sempre, e que assim se conservasse até que os futuros herdeiros resolvessem o contrario. Quando se tratou de cumprir o testamento de João Diogo, para o que, segundo consta, viera um parente de Inglaterra tomar conta dos haveres e dar a fabrica ao estado, e se abriu o escriptorio, viu-se que se observára com tal escrupulo os preceitos de João Diogo, que alguns papeis de valor estavam em cima da secretária no mesmo logar em que se deve suppor os deixára Guilherme Stephens para os conferir ou para lhes dar o necessario andamento.

Entre esses papeis havia letras que se venceram, e parece que jámais foram cobradas!

Entremos agora na fabrica.

(Continúa) BRITO ARANHA.

[1] Esta anecdota, bem como a seguinte, foi-nos contada pelo sr. José Maria da Fonseca, que, como sabem todos os que tem o prazer de conhecel-o e tratal-o, procura o descanço da sua vida activissima junto dos bons e sãos livros, como estudioso e entendedor. O sr. Fonseca ouviu a anecdota, que reproduzimos como nol-a referiu, não se lembra a quem em Lisboa; mas indo visitar a Marinha Grande teve a satisfação de que um dos mais antigos operarios da fabrica lh'a repetisse tal qual elle a soubera.

EVORA

EGREJA E CONVENTO DE S. FRANCISCO

(Vid. pag. 31)

X

É grande a altura da egreja, e todavia, excepto a arcada que guarnece a frente e algumas construcções, baixas e irregulares, que se lhe encostam ao lado, não tem escoras, botarêos ou quaesquer outras obras de reforço que exteriormente mantenham firmes as paredes. Parece que de proposito a deixaram assim, erma e desacompanhada, para melhor representar em sua grandeza e simplicidade a maior e a mais simples de todas as idéas.

Corresponde á exterior a vista interior do templo. Nada obstrue a amplidão da nave, unica e indivisa. Além dos rebordos dos arcos, que transversalmente cortam a abobada e se prolongam bifurcados por lhe formarem os avançamentos, não ha outras saliencias nas altas paredes que se aprumam lisas e desornadas, como o habito singelo de S. Francisco [1].

Desde a porta principal até aos degraus do altar-mór tem a egreja 44^{m} de comprimento; e de largura, em qualquer parte do corpo, abaixo do cruzeiro, 13^{m}. A altura, desde o pavimento até ao fecho da abobada, não será talvez inferior a 24^{m}.

Conta-se que entrando de uma vez D. João de Castro na egreja de S. Francisco, exclamára: «Bravo templo!» Foi natural a exclamação. Quem mede com os olhos a espessura das paredes nas frestas, que é, pouco mais ou menos, de $0^{m},70$, e a compara com a elevação e largura da abobada, receia de a ver desabar, similhantemente ao que, por diversa razão, succede na casa do capitulo da Batalha. N'uma e n'outra quizeram os architectos deixar-nos d'aquelles milagres da arte que assustam e admiram.

XI

A traça que o de S. Francisco imaginou para resolver o problema com que nem todos se atreveriam, foi muito simples e engenhosa. Em vez de uma só parede de proporcionada grossura, construiu duas de cada lado da egreja, separadas por um vão de pouco mais de 3^{m}, cuja parte inferior aproveitou para accommodar as capellas lateraes. De espaço a espaço travou as duas paredes com outras transversaes, que em baixo separam as capellas entre si. Sobre estas paredes transversaes, que são seis de cada lado, estribou egual numero de arcos, que dividem o tecto n'outras tantas secções, e ao mesmo tempo servem de base a novas paredes, que por cima da abobada continuam as transversaes de um lado da egreja com as do lado opposto. E em correspondencia a estas paredes superiores, e nos mesmos planos, construiu outras debaixo do chão, que egualmente continuam as transversaes. D'est'arte formou no templo seis quadros ou caixilhos enormes, que dentro d'elle se não vêem, por ficarem dos lados, entre as paredes geraes, em cima superiores á abobada, e em baixo enterrados no chão. Descobrem-se, porém, sobre os telhados as paredes que transversalmente prendem as fachadas lateraes da egreja, isto é, as partes superiores dos quadros.

Para fazer mais segura a sua obra, o architecto ergueu outra parede longitudinal por cima de todo o acume da abobada, cortando assim perpendicularmente e na linha média do tecto as paredes transversaes, e do mesmo modo travou as inferiores com uma parede similhante, que liga debaixo do chão os dois extremos da nave. Os coruchéos que se avistam na aresta mais alta do tecto assentam sobre as intersecções da parede longitudinal superior com as transversaes, e augmentam com o seu peso a solidez de toda a fabrica. Como dissemos, só em cima dos telhados se vê o que chamaremos esqueleto da egreja, no qual reside a fortaleza com que ella tem resistido aos seculos que decorreram depois da reedificação, apesar de serem de alvenaria as suas delgadas paredes.

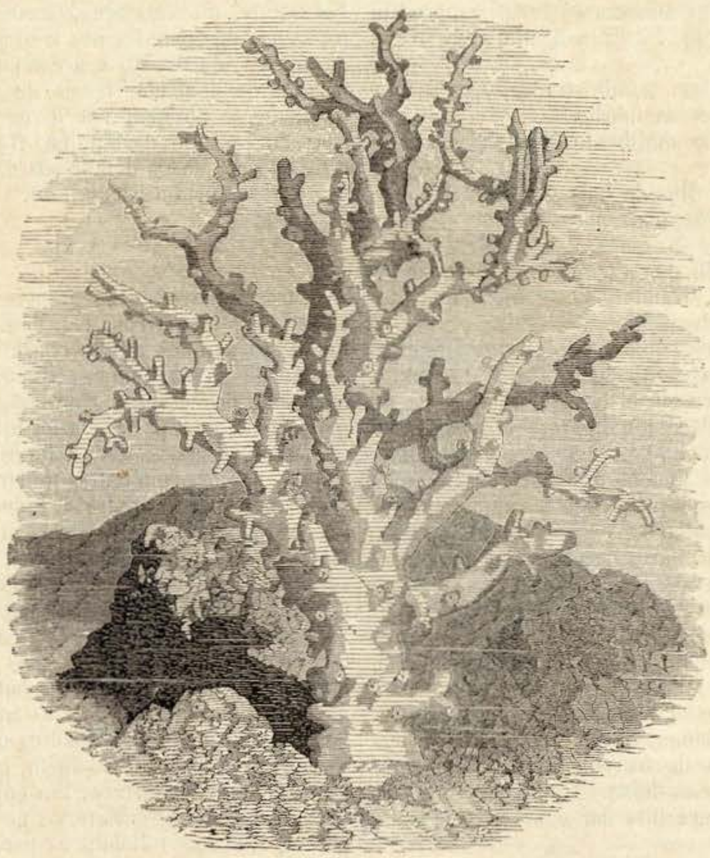
(Continúa) A. FILIPPE SIMÕES.

[1] O padre Fialho censurou esta singeleza, que é um dos mais apreciaveis attributos do templo, dizendo que, se estivesse ornado como podéra estar, seria «um gostoso enlevo dos olhos e admiração dos juizos; e que muita graça achava a quem dizia que os religiosos de proposito o conservavam assim, por dizer bem o pardo da pedra e do roçado com a côr do habito.» Vê-se, pois, que nos principios do seculo passado estavam já de incubação na cabeça do bom do jesuita os germens da eschola dos emplastradores, que mais tarde se formou e desenvolveu, e por cuja incançavel diligencia vemos hoje cobertos de cal e reboco os principaes monumentos da cidade.

MADRÉPORA CARYOPHILLIA RAMEA

São infinitas as obras da creação, que por toda a parte, e a cada passo que damos, nos estão assombrando com a sua grandeza ou com a sua maravilhosa organisação. Muitas, sobresaíndo por seu proprio vulto, ostentam-se grandes e admiraveis perante os olhos do sabio como ante a vista da mais rude das creaturas humanas. Outras ha, porém, que o vulgo vê com indifferença ou com desprezo, mas que o espirito reflectido do homem esclarecido observa com enlevo e verdadeiro assombro. Algumas vezes revela-se n'estas a sabedoria e a omnipotencia de Deus com muito maior esplendor que nas outras que mais nos impressionam, que mais alto fallam aos nossos sentidos.

A esta ultima classe pertencem esses infatigaveis architectos que constroem os singulares edificios chamados *madréporas*, de fórmas tão exquisitas e variadas, e com feitios tão lindos e tão delicados desenhos. E não se limita ao artificio de taes fabricas tudo quanto ha de admiravel e estupendo n'esses operarios do Oceano. Dando principio aos seus trabalhos no fundo do mar, por tal modo se estendem, se ramificam, se multiplicam e desenvolvem, que chegam a formar perigosissimos escolhos. Não poucas vezes estes parceis, subindo, no seu progressivo crescimento, até á superficie das aguas, cobrindo-se de areias, que as ondas para alli arrojam da visinha costa, e que a seu turno se cobrem de vegetação, formam ilhas de alguns kilometros de circunferencia.



Caryophillia ramea

Eis como esses seres pequeninos, fracos e ephemeros, que aos nossos olhos se apresentam creaturas insignificantes, e até despreziveis, por sua apparente inercia e presumida nullidade, são dotadas de taes condições de fecundidade, de força e de actividade, que, edificando construcções giganteas, chegam, no longo curso dos tempos, a fazer notaveis alterações no aspecto do globo. Dá-se este phenomeno unicamente em os mares situados sob a zona torrida, porque n'elles existe muito maior quantidade de zoophitos que nas outras paragens; sendo alli mais variadas as especies, e propagando-se com mais força e rapidez.

Em o vol. x d'este semanario, a pag. 108 e 109, offerecemos aos nossos assignantes uma noticia sobre as madréporas, ainda que resumida, sufficiente para se ter algum conhecimento d'estes interessantes zoophitos. Por essa occasião mostrámos em gravura duas especies de dois generos differentes de madréporas, *meandrina* e *astrea*. Agora adornâmos este numero com uma gravura que representa a especie que serve de typo a outro genero, denominado *caryophillia*, egualmente rico em variedades curiosas e bellas.

Caryophillia ramea é o nome dado pelos naturalistas á especie representada na gravura junta. Encontra-se em maior abundancia nas regiões tropicaes, mas tambem existe em algumas paragens dos mares da Europa, onde a temperatura lhe não é absolutamente desfavoravel. Tem a fórma de um tronco de arvore, todo guarnecido de ramificações; tronco e ramificações cylindricas, terminando estas em uma como estrella, feita por diversas laminas mui delgadas, por entre as quaes respiram e saem do seu involucro calcareo os animaes que a fabricaram para sua morada. A côr é similhante á da canella.

Esta madrépora exhala agradavel cheiro. O tamanho d'ella varia muito. Possuimos dois exemplares d'esta especie; um que apenas tem de altura 30 centimetros, pesando quasi 1 kilogramma; e o outro, com 65 centimetros de altura, pesa mais de 8 kilogrammas, em razão das suas muitas ramificações.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio